

## Cabo Verde no feminino: a ficção curta de Dina Salústio

Sávio Roberto Fonseca de Freitas<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é desenvolver uma análise do conto *Sapatos de Verniz*, da escritora cabo-verdiana Dina Salústio. O conto aqui escolhido faz parte da coletânea *Filhos de Deus* (2018). A ficção curta de Dina Salústio dá visibilidade às situações de conflito existencial da mulher cabo-verdiana através das relações de afeto com a nação, com as insularidades e com os trânsitos de nacionalidades. Para fundamentar as análises vamos nos ancorar nos posicionamentos críticos de Vera Duarte (2005) e Dina Salústio sobre escrita cabo-verdiana de autoria feminina, de Chimamanda Adchie (2015) sobre feminismo, de Judith Butler (2003) sobre problematização de gênero, de Michel Foucault (1979) sobre genealogia e história, de Silvana Vilodre Goellner (2015) sobre representação do corpo, de Clenora Hudson-Weems (2020) sobre mulherismo Africana e de Oyeronké Oyewumi (2021) sobre colonização de gênero. O conto em análise nos faz chegar a conclusão de que os sapatos de verniz representam o aperto na consciência humana ao ponto de questionar os afetos tão maculados pela colonização de classe e gênero, sendo o amor a única possibilidade de humanização.

**Palavras-chave:** Cabo Verde no feminino. Ficção curta de autoria feminina. Dina Salústio.

Uma mulher para. Um homem olha. Duas pessoas  
somentemente. São dez ilhas. Dez ilhas, apenas, feitas de  
silêncios, saudades e sonhos.  
(SALÚSTIO, 2018a, p.71)

### Primeiras colocações

Iniciamos nossas reflexões com um fragmento que compõe o conto intitulado *Cabo Verde Cantar ... ou Chorar Apenas*, um dos quais compõe a coletânea de contos *Filhos de Deus* (2018), da escritora cabo-verdiana Dina Salústio, uma representante da escrita de autoria feminina de um país africano já muito divulgado no Brasil e na crítica literária por meio do incansável e fecundo trabalho da pesquisadora brasileira Simone Caputo Gomes. O fragmento em questão funciona como uma provocação para escolha do corpus que ora vamos estudar neste texto, o conto *Sapatos de Verniz*, da escritora cabo-verdiana Dina Salústio. O fragmento nos

<sup>1</sup>Doutor em Letras na Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor de Literaturas de Língua Portuguesa no Departamento de Letras da Universidade Federal da Paraíba e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: savioroberto1978@yahoo.com.br. ORCID iD: 0000-0001-7541-3377.

mostra como o convívio insular interfere nas relações de gênero ao ponto de nos incutir a investigar se dão as situações femininas em Cabo Verde diante do modo de narrar de escritora em tela.

Nascida em 1941, na ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, Bernardina de Oliveira Salústio, escritora e poeta cabo-verdiana, publicou em 1994 uma coletânea de 35 contos intitulada *Mornas Eram as Noites*, livro publicado também no Brasil pela Editora Nadyala, em 2019. Ganhou visibilidade na literatura com o romance *A Louca de Serrano*, em 1998, o que lhe deu a alcunha de primeira mulher a escrever um romance em Cabo Verde. Dina Salústio foi uma das fundadoras da Associação dos Escritores Cabo-verdianos e autora de diversas publicações literárias; distinguida com o primeiro prêmio de literatura infantil de Cabo Verde em 1994 e com o terceiro prêmio de literatura infantil dos PALOP em 1999.

Paralelamente à sua vida de escritora, exerceu o magistério, a função de assistente social e jornalista em Cabo Verde, atividade que a levou para Portugal e para Angola; dirigiu e também produziu um programa de rádio dedicado a assuntos educativos; trabalhou ainda para o Ministério dos Assuntos Exteriores de Cabo Verde. É uma escritora muito premiada em função de sua importância artística, política e cultural, o que a garantiu a importante galhardia do Governo de Cabo Verde, a Ordem do Mérito Cultural (2005); e do Presidente da República de Cabo Verde, a 1ª Classe da Medalha do Vulcão por Sexa (2010). Sua obra é traduzida para o inglês e para o espanhol, assim como também é amplamente estudada em nível de mestrado e doutorado na área das literaturas africanas de língua portuguesa.

Colonizadas pelos portugueses no século XV, as ilhas de desabitadas de Cabo Verde funcionaram como ponto de apoio para o tráfico de escravos e para rotas de navegação para outros países da África, da América e da Europa. O braço do oceano Atlântica facilita até hoje a diálogo e o trânsito entre Cabo Verde e o Brasil, o que facilita a divulgação da literatura caboverdiana.

A literatura caboverdiana de autoria feminina, mesmo assim, ainda não é tão conhecida. Há muitas mulheres escrevendo em Cabo Verde, principalmente sobre temas que se voltam para a representação das situações femininas nas ilhas. Vera Duarte é uma das escritoras que, assim como Dina Salústio, está ligada à discussão em torno dos direitos humanos, dos direitos da mulher e da cultura caboverdiana. Após a independência de Cabo Verde, muitas mulheres se tornaram visíveis no país.

Na realidade, as mulheres, elas mesmas precursoras deste momento de mudança, recusaram-se a ficar na posição de simples espectadoras passivas e estão a traçar os seus próprios caminhos, redescobrimo e dando novo valor aos papéis tradicionais, dando-lhes conteúdo renovado, e estão reorientando a sua maneira de estar na vida e no mundo, ainda que a custa de grandes sacrifícios e muitos esforços.

É neste processo que a voz das mulheres emerge vibrante também na literatura, como uma contribuição maior para a arte universal, certamente, mas também como participação no projeto planetário de emancipação da mulher. (DUARTE, 2015, p. 230)

Concordamos com a colocação da escritora Vera Duarte (2015, p. 230), a literatura de autoria feminina em Cabo Verde vem se mostrando cada vez mais independente dos sistemas políticos que a tentam oprimir. O feminismo literário empodera a escrita de autoria feminina no sentido de promover a libertação da mulher no que tange aos temas que realmente causam conflito ao universo feminino. Nesse sentido, o corpo feminino aparece na escrita caboverdiana feita por mulheres como espaço de empoderamento, de crítica política ao sexismo machista, colonial e patriarcal. Não se pode deixar de mencionar que nos países africanos de língua portuguesa, as mulheres sofrem em função de um sistema político que dificulta a territorialização da arte feita por mulheres, mas as escritoras caboverdianas resistem e mantêm o compromisso com a visibilidade e divulgação cultural por meio da escrita de criação.

Cabo Verde é ainda e também um pequeno espaço onde mora o mundo. Nós mulheres escrevemos sobre isso, escrevemos isto. De várias maneiras, com intensidades diferentes, de vários jeitos e em vários géneros. Escrevemos com o corpo magoado, com o corpo humilhado, com o corpo abandonado, com o corpo maltratado. Também escrevemos com o corpo alegre, realizado, dançante e vitorioso. Em primeira pessoa. E mais: nós estamos a aprender a escrever, mas sobretudo estamos a colocar-nos no lugar da outra mulher e a aprender a ver do lugar onde ela se encontra e de onde ela olha para nossa escrita a sua verdade não seja deturpada ou adaptada a outros interesses. (SALÚSTIO, 2018b, pp.22-23)

O posicionamento acima de Dina Salústio reforça a ideia de que as escritoras territorializam o discurso político da mulher em textos literários. A arte feita por mulheres ainda é uma atitude estética e ideológica muito marginalizada em países onde predomina o machismo patriarcal endossado pela colonização portuguesa, principalmente quando o cânone literário é em sua maioria composto por homens. Logo as escritoras possuem um duplo desafio: enfrentar o patriarcado por meio de um ativismo político que dê visibilidade à produção artística das

mulheres e ao discurso das mulheres por meio de um feminismo literário que possibilita o enfretamento do cânone literário machista.

Os temas discutidos pelas mulheres atingem diretamente ao modo masculino de escrita, uma vez que há declaradamente, por parte das mulheres, uma insatisfação sobre o modus operandi masculino de representação artística. Os temas recorrentes do cânone de autoria masculina nos países africanos de língua portuguesa registram um território identitário em que as guerras por libertação ideológica, política e cultural foram conquistadas culturalmente pelos homens. A luta das mulheres pela libertação do país é invisibilizada.

Tem gente que diz que a mulher é subordinada ao homem porque isso faz parte da nossa cultura. Mas a cultura está sempre em transformação. Tenho duas sobrinhas gêmeas e lindas de quinze anos. Se tivesse nascido há cem anos, teriam sido assassinadas: há cem anos, a cultura Igbo considerava o nascimento de gêmeos como um mau presságio. Hoje essa prática é impensável para nós. (ADICHIE, 2015, p. 47)

A colocação acima de Chimamanda Adichie, escritora nigeriana, chama a atenção para a forma como a questão cultural deve ser repensada, excluindo a possibilidade de uma já esgotada discussão essencialista sobre os sexos. A palavra “transformação” utilizada pela escritora nos conforta e justifica a escrita independente de mulheres africanas frente aos sistemas culturais conservadores. Pensar a cultura de um país africano por meio de manifestações artísticas independentes é uma forma de lutar contra estereótipos construídos sob uma perspectiva machista, euro centrada e ocidental. Com certeza, o uso de “nós” é uma forma de contar para mundo que se pode falar das nações sob a episteme da humanidade, princípio ideológico que extrapola qualquer possibilidade de marginalização de raça, classe e gênero.

A produção literária de Dina Salústio merece ser reconhecida como um território de escrita que se forma além das estruturas de exclusão e valor em Cabo Verde. De exclusão, pelo fato de não ser só direito dos homens segurar a pena afiada a penetrar e preencher folhas em branco com uma literatura que migra da oralidade para a escrita. De valor, porque as mulheres, no âmbito da natural sensibilidade, são guardiães de uma tradição oral que até então só era aquecida pelo calor das rodas de contação de estórias em volta da fogueira. A escrita de Dina Salústio é uma das vozes caboverdianas de mulher que milita sobre identidade, territorialidade e corpo por meio da literatura.

A literatura de autoria feminina, independente do território cultural em que seja produzida, vai problematizar as relações de gênero e atacar diretamente a postura sexista dos homens. Logo, o corpo é um espaço muito peculiar ao universo da mulher, por isso muitas delas se dedicam a escrever sobre os dilemas sociais que envolvem às várias invasões a que sofrem pelas questões do sexo, levando os leitores a perceberem que o corpo feminino é um espaço construído politicamente.

O corpo é produto de uma construção cultural, social e histórica sobre o qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos etc. Ou seja, não é algo dado a priori, nem mesmo é universal: é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura, bem como suas leis, seus códigos morais e sua linguagem, visto que ele é construído também a partir daquilo que dele se diz. (...) Educa-se o corpo na escola e fora dela: na religião, na mídia, na medicina, nas normas jurídicas, enfim, em todos os espaços de socialização nos quais circulamos cotidianamente. (GOELLNER, 2015, p. 135).

Dina Salústio vai construir na literatura a possibilidade de um corpo mimético concomitantemente reconhecido pelas leitoras através de grau de verossimilhança problematizador de uma realidade possivelmente absoluta e construída pelos homens, ou seja, a narrativa de Dina Salústio vai colocar em desconforto várias opressões de gênero não estranhas ao universo comum das mulheres caboverdianas. Como nos mostra Silvana Goellner (2015, p. 135), o corpo não é construído para dar conta de uma universalidade, muito pelo contrário, reproduz marcas de sugestões culturais, sociais e históricas. Na produção literária de autoria feminina caboverdiana, o corpo é um espaço político que se mistura com a linguagem para disponibilizar um misto de interpretações que se metamorfoseiam em função de registrar um discurso feminista de empoderamento, de emancipação e de resistência para a consolidação de uma urgente visibilidade. Em Cabo Verde, a visibilidade artística e cultural é algo que incomoda o modo de sistema social organizado pelos homens, ou seja, problematizam contrato genealógico por meio da linguagem literária.

A genealogia não pretende recuar no tempo para restabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento; sua tarefa não é a de demonstrar que o passado ainda está lá, bem vivo no presente, animando-o em segredo (...) é demarcar os acidentes, os ínfimos desvios – ou ao contrário as inversões completas – os erros, as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós; é descobrir que na raiz

daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos – não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente. (FOUCAULT, 1979, p. 21)

Em anuência com Foucault (1979, p.21), podemos acrescentar que a produção literária de autoria feminina vem diretamente atacar o binômio verdade e ser, propondo uma ampla discussão sobre as representações da exterioridade do acidente sobre a genealogia do corpo que constrói em função unicamente de uma ordem binarista do sexo: corpo do homem e da mulher. O homem não precisa se empoderar porque é protegido exclusivamente pelo sexo, pelo patriarcado e pela ordem machista de uma colonização de gênero. Cabo Verde, enquanto colônia de Portugal, também reproduz a colonização ideológica de gênero, a qual sempre coloca a mulher como segundo sexo, como submissa e dependente da ordem social do patriarcado. Logo a literatura de Dina Salústio vai desconstruir e problematizar os equívocos conservadores de gênero por meio das várias formas de representação do corpo político que se ergue sob a episteme da humanização, do respeito e da resistência.

A marca do gênero parece “qualificar” os corpos como corpos humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta “menino ou menina?” é respondida. As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece. (BUTLER, 2003, p. 162) (Grifos da autora)

De acordo com Judith Butler (2003, p. 162), marcas de gênero categorizam os corpos em função de uma ordem binarista estabelecida pelo sexo. As escritoras caboverdianas avançam nesta discussão por estarem insatisfeitas com estes estereótipos sexistas, logo o corpo na escrita de Dina Salústio vai seguir sequencialmente a ordem da mulher, da identidade cultural e da crítica política, ao ponto que o corpo feminino vai funcionar como um espaço de problematização sobre humanidade e desumanidade, comprovando que as ideologias de gênero permitem várias formas de subjetivação poética, o que denota que a escritora contribui para o movimento da caboverdianidade com o propósito de mostrar um país africano construído pelo olhar da mulher e não só do homem.

**De uma ficção curta feita no feminino: *Sapatos de verniz***

Escrever contos é um ato político de empoderamento realizado pela escritora Dina Salústio, a qual ainda não possui a visibilidade necessária no circuito da crítica literária. Este fato se justifica também pelas políticas editoriais que dão ampla visibilidade à escrita de autoria masculina. Germano Almeida, Arménio Vieira, Manuel Veiga, Oswaldo Osório, são exemplos de escritores caboverdianos contemporâneos à Dina Salústio que já são amplamente conhecidos na seara dos estudos africanos, tanto no Brasil como em festivais de literatura por todo o mundo. Escrever ainda é um ato de resistência para mulheres. Problematizar gênero se torna uma obrigação corporativista de mulheres africanas que, sob o respaldo do feminismo, veem na literatura um caminho para divulgar as multiculturalidades que negam uma universalidade continental africana ainda tão mencionada quando se fala de uma fração nacional, ou seja, Cabo Verde é uma parte da África portuguesa e por si só já possui muitos temas a serem discutidos. O modo de escrever muitas vezes problematiza um contrato linguístico com as africanidades.

Esse “contrato” linguístico ideal ou primário opera no nível implícito. A linguagem tem uma possibilidade dupla: pode ser usada para afirmar a universalidade verdadeira e inclusiva das pessoas, ou pode instituir uma hierarquia em que somente algumas pessoas são elegíveis para falar, e outras em virtude de sua exclusão do ponto de vista universal, não podem “falar” sem desautorizar simultaneamente sua fala. (BUTLER, 2003, p.174) (Grifos da autora)

A narrativa de Dina Salústio se ancora na pauta que Judith Butler chama de “hierarquia em que algumas pessoas são elegíveis para falar”. O discurso de Dina Salústio se organiza no feminino, cumprindo uma pauta feminista que vai para além da discussão proposta pelo discurso feminista das mulheres brancas, uma vez que problematiza a situação social de homens e mulheres. O conto *Sapatos de Verniz* possui uma miscelânea de epifanias que podem funcionar como uma resposta para uma discussão atual sobre o mulherismo Africana:

Tanto homens quanto mulheres estão debatendo esta questão, particularmente no que diz respeito às mulheres Africana em seus esforços para permanecerem autênticas em sua existência, como a priorização de suas necessidades, mesmo que estas necessidades não sejam uma das primeiras preocupações da cultura dominante. A presente questão tem permanecido sempre a mesma: qual é a relação entre uma mulher Africana, a sua família, a sua comunidade, e seu desenvolvimento na sociedade atual que enfatiza, em meio à opressão, o



sofrimento humano a morte, o empoderamento da mulher e o individualismo, sobre os direitos a dignidade e a humanidade? (HUDSON-WEEMS, 2020, p.37)

O agenciamento de discussão a que se propõe Clenora Hudson-Weems (2020, p. 37) se articula perfeitamente com os dilemas expostos nos contos de Dina Salústio. O termo *Africana womanism*, traduzido por mulherismo Africana, vai ganhar força nos estudos africanos sobre a autoria feminina por trazer uma organização epistemológica e de hierarquia de vozes facilitadora de análises literárias corporativas ao que propõe um aliança tardia dos gêneros em prol da disseminação de uma política humanitarista de organização do entendimento das diferenças de raça, classe e gênero nas academias, templos do conhecimento ainda amaldiçoados por várias ordens de preconceito, principalmente quando o tom de pele se torna um argumento falido para a segregação da segregação, mitigando a democracia da paz, da união e do respeito entre os povos.

Os contos de Dina Salústio que compõem corpus de análise deste estudo são antes de qualquer categorização literária que se possa fazer, narrativas de experiência conduzidas por uma voz de mulher substancialmente consciente da pauta mulherista proposta por Clenora Hudson-Weems (2020). Respondendo ao questionamento feito pela norte-americana, Dina Salústio traz personagens que problematizam as relações de gênero a partir de narrativas direcionadas a situações femininas voltadas para o tema da maternidade, da emigração e da identidade.

Dina Salústio (2018b, p.23) contribui para escrita literária caboverdiana de autoria feminina com a construção de uma narrativa que se pauta na agenda de um feminismo mulherista africana, problematizador de questões de gênero elaboradas a partir da metaforização de um corpo feminino em diversas situações de intensidade: o corpo magoado, o corpo abandonado, o corpo humilhado, o corpo maltratado e corpo vitorioso.

*- A minha filha é a minha companheira, a minha luz, a razão de minha vida! Vai fazer um curso superior. Vai ser física – diria no início do discurso. – O que será uma física? – perguntou-se, enrolada com o desconhecido. O pai? Emigrou. Não. Talvez fosse melhor dizer que ele tinha morrido. Evitava perguntas e, vendo bem as coisas, para todos os feitos era verdade. (SALUSTIO, 2018a, p.14) (Grifos nossos)*



O fragmento é do conto *Sapatos de verniz*. A narrativa versa sobre a história de uma mãe, trabalhadora do mar, figura muito comum em Cabo Verde, uma vez que as ilhas sobrevivem das riquezas concedidas pelo oceano Atlântico. Uma mulher que educou a filha com o trabalho honesto, por ser vendedora peixe, e se vê agora em uma situação totalmente atípica: acompanhar a filha em sua festa de formatura do que corresponde aqui no Brasil ao ensino médio. Percebemos no fluxo da consciência da personagem o discurso afetoso como o qual esta mãe se remota à filha: companheira, luz, razão da minha vida; o que vai cair por terra na sequência da narrativa. Um outro ponto a ser notado neste fragmento é a figura pai e do esposo: um homem que emigrou, abandonou a família e é considerado morto para a esposa e para a filha, para evitar perguntas da sociedade. Podemos levantar algumas questões a este respeito que fundamentam a metaforização do **corpo abandonado**: a emigração do marido representa uma situação muito comum ao universo insular, sair das ilhas caboverdianas para o continente é uma possibilidade dada em função da colonização portuguesa; não voltar sugere uma atitude de gênero masculina muito recorrente, abandonar a esposa em detrimento de outras escolhas, muitas vezes por formação de outra família e por viver uma situação mais confortável no continente, ou seja, na metrópole, como Portugal era chamada no período colonial; a formação acadêmica da filha também é resultado da colonização; mentir sobre a emigração do marido é uma situação feminina corriqueira em função de um julgamento machista feito por homens e mulheres em sociedade declaradamente regida por uma colonização de gênero facilitadora da vida dos homens.

As histórias do colonizado e do colonizador foram escritas do ponto de vista masculino- as mulheres são periféricas, quando aparecem. Em bora os estudos sobre a colonização sob esse ângulo não sejam necessariamente irrelevantes para a compreensão do que aconteceu com as nativas, devemos reconhecer que a colonização afetou homens e mulheres de maneiras semelhantes e diferentes. (OYEWUMI, 2021, p. 185)

A socióloga nigeriana Oyeroké Oyewuni sinaliza bem o problema da colonização de gênero no momento que pontua o discurso do colonizador como um elemento nocivo ao progresso do colonizado, saindo em desvantagem tanto homens como mulheres. O conto em análise de Dina Salústio sinaliza bem esta questão. Uma mulher abandonada pelo marido emigrado, prefere dá-lo como morto pelo conforto que a situação de viúva pode lhe dar em relação aos inquéritos indesejados da sociedade machista e patriarcal, sejam homens ou

mulheres. O marido, por sua vez, é apagado da história da família, tornando-se apenas uma lembrança, uma saudade ou o desprezo amoroso para a esposa. Logo, a vendedora de peixes representa um **corpo magoado** pela colonização de gênero.

Desde cedo que andava de um alado para o outro com *os sapatos de verniz* que lhe massacravam os dedos e os pequeninos calcanhares. Foram os únicos sapatos elegantes que encontrou nas lojas, mas eram um número inferior ao seu tamanho.

A princípio não os queria comprar, mas a filha disse-lhe que se os calçasse durante alguns dias acabariam por alargar. Calçava-os, andava um bocado, tirava-os, respirava fundo e voltava a calçá-los. Depois de uma semana a verdade é que parecia que apertavam cada vez mais. Encostou *o vestido cor de rosa* ao peito e começou a andar como se tivesse a filha ao lado, cumprimentando os professores da filha ao lado, as amigas da filha, os colegas da filha. Os pés gritavam de dores. (SALÚSTIO, 2018a, pp.14-15) (Grifos nossos)

Os sapatos de verniz são objetos de adorno que se configuram como uma estratégia de denúncia sobre o estado afetivo em que se encontra a personagem. Este adorno também representa um deslocamento à situação de classe social em que se enquadra a personagem: uma vendedora de peixe deslocada e incomodada por ter que usar este adorno. O aperto no pé diz muito sobre a crítica social a que se propõe a Dina Salústio, ou seja, o massacre nos pés não é só físico, mas também psicológico. Os pés são responsáveis pelo equilíbrio do corpo que se revela abandonado em função de outro adorno: o vestido cor de rosa. Quando a vendedora de peixe anda com o vestido cor de rosa, simulando a ausência da filha, os pés novamente revelam a dor pelo desequilíbrio que pode ser interpretado de duas formas: a dor por não se enquadrar à situação social e a dor pela exigência da filha. Os sapatos de verniz e o vestido cor de rosa são adornos que interagem com o EU da personagem.

O adorno produziu, na forma do elemento estético, uma síntese muito sua para as grandes pretensões da alma e da sociedade, que interagem uma com a outra: o enaltecimento do Eu mediante o existir para os outros e da existência para os outros através do realce e da expansão de si mesmo.” (SIMMEL, 2008, p. 70).

Georg Simmel (2008, p. 70) chama a atenção para a importância do adorno estético como elemento significativo para as expressões do EU, fato marcadamente observado na voz da mãe que veste o corpo com indumentárias incompatíveis com seu estado de espírito. A

felicidade da mãe se amplifica pelo fato de ter uma filha formada e não por ter que se vestir de uma forma incompatível com a sua realidade social, ou seja, os adornos distanciam corpo de estado de espírito da mulher, o que nos permite categorizar o **corpo maltratado** em função dos adornos que causam dores físicas, morais e sociais.

Não te esqueças de pôr o perfume que o tio mandou – disse ao sair e carregando com infinito cuidado o vestido de cetim que a mãe, pela terceira vez nessa tarde, acabara de passar. Depois voltou a abrir a porta e disse:

- O perfume, mãe! Não te esqueças de o pôr. *O perfume!*

*A mãe não lhe lembrou que deviam ir juntas e que não fazia sentido chegar sem ela, nem lhe disse que possivelmente se perderia pelos pátios e corredores da escola e que não teria ninguém para a ajudar a entrar no salão. Apenas conhecia trabalhadoras do mar como ela, mulheres do peixe e das madrugadas, solitárias como ela que não tinham nada para comemorar nesta noite.* (SALÚSTIO, 2018<sup>a</sup>, 15) (Grifos nossos)

O fragmento acima nos disponibiliza duas representações do corpo feminino: o **corpo humilhado**, notadamente explícito pela insistência da filha em esconder o cheiro de peixe da mãe, o perfume é um objeto que remete diretamente a vergonha que a filha possui de ter uma mãe vendedora de peixe (- *O perfume, mãe! Não te esqueças de o pôr. O perfume!*). O discurso direto e a exclamação exprimem o tom insistente de realce ao fato do cheiro indesejado; e o **corpo magoado** se declara quando mãe se silencia e não lembra a filha a importância de chegar junta a ela na festa de formatura, de ter o prazer de ser apresentada como uma vendedora de peixe que conseguiu permitir uma formação escolar para a filha (*A mãe não lhe lembrou que deviam ir juntas e que não fazia sentido chegar sem ela...*). A mágoa remete a epifania de uma mulher que se sente isolada daquela realidade, como uma ilha como só possui o mar e os peixes como interlocutores (*Apenas conhecia trabalhadoras do mar como ela, mulheres do peixe e das madrugadas, solitárias como ela que não tinham nada para comemorar nesta noite*). O mar, o peixe, a madrugada, a solidão e a noite constroem a cena em que se insere este corpo humilhado e magoado.

O dono da loja dos tecidos que sempre a via se declarava apaixonado parou e perguntou-lhe quando é que decidia a viajar com ele. – O mundo é grande e prometo que vais gostar de o ver comigo - disse, sorrindo.

Olhou-o pensando nas viagens não fez e nos amores que não viveu. Que outra coisa não teve? Que pessoas não conheceu? Que outros sonhos não sonhou? Que festas não assistiu?

Mandou entrar para um café. Descalçou. *Os pés estavam em sangue*. Voltou a abrir a porta e, muito segura, deixou *os sapatos de verniz* na rua. Nunca mais permitiria que nada a magoasse. (SALÚSTIO, 2018<sup>a</sup>, 16)

O fragmento acima nos mostra a epifania maior da narrativa por meio do **corpo vitorioso**. Contrariando a submissão feminina, a mulher de peixe se emancipa e se torna uma ilha em erupção (*Os pés estavam em sangue*). Os pés representam o equilíbrio do corpo, como já dito anteriormente, os sapatos de verniz, o impedimento de poder caminhar sob o comando das próprias vontades, as quais são provisoriamente retardadas em função do egoísmo da filha. Jogar os sapatos na rua se torna um ato transgressor e simbolicamente libertário. A paixão do dono loja e a permissão do encontro, em consonância com a autorização para um café, representam a conciliação de afetos entre o homem e a mulher. Uma solução sábia para as problematizações de gênero não se promova uma desigualdade injusta pelos afetos tão carentes de uma humanização consciente entre homens e mulheres, em suas mais diversas formas de encontrar o amor.

### Últimas Considerações

A vendedora de peixes representa uma ilha submersa nas avaliações gendradas por um machismo patriarcal ainda predominante em Cabo Verde. O corpo feminino multifacetado pelas possibilidades de emancipação declaradamente visíveis pelos semas da mágoa, do abandono, da humilhação, do maltrato faz a mulher mergulhar na profundidade de si mesma e encontrar uma possibilidade de ser feliz, de ser vitoriosa. O amor significa no conto *Sapatos de Verniz* o aperto na consciência ao ponto de questionar os afetos tão maculados pela colonização de classe e gênero.

Não queremos uma escrita que multiplique estereótipos, ódios e indiferença, nem incentive desigualdades e injustiças. Estamos a desenterrar temas que incomodam e inquietam a sociedade e que levam as pessoas e os poderes a pensarem e a tomarem partido e a decidirem. Estamos a escrever para construir uma sociedade livre. (SALÚSTIO, 2018b, p.23)

Podemos afirmar que o conto de Dina Salústio contribui muito para continuarmos uma discussão de gênero que deve ser entendida e estudada por suas tantas diversidades e

particularidades culturais em Cabo Verde, principalmente sendo as mulheres as protagonistas de suas próprias histórias. Para além disso, a representação do corpo enquanto espaço político de ativismo feminista orienta comunidades sexistas a revisar os princípios de maternidade, fraternidade, territorialidade, patriotismo e humanidade como necessárias ordens de pensamento para orientar o mundo a perceber que a literatura de autoria feminina é uma arte que possibilita o exercício da maturidade, da leitura e do respeito; como também o é a convenção de um grupo que se fortalece no âmbito dos estudos culturais, das humanidades e de gênero por causa do empoderamento, da visibilidade e da resistência.

## Referências

- ADICHIE, C. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015
- BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003
- DUARTE, V. O canto da sereia ou a emergência da voz das mulheres na literatura cabo verdiana. In: GOMES, S. C. (org). *Contravento*, Pedra-a-Pedra. Conferências do I Seminário Internacional de Estudos Cabo-Verdianos (2008). Praia: Biblioteca Nacional, 2015.
- FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GOELLNER, S. V. Corpo. In: *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados: UFGD, 2015.
- HUDSON-WEEMS, C. *Mulherismo Africana*. São Paulo: Editora Ananse, 2020.
- OYEWUMI, O. *A invenção das mulheres*. Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.
- SALUSTIO, D. *Filhos de Deus: Contos e Monólogos*. Cabo Verde: Biblioteca Nacional de Cabo Verde, 2018a.
- \_\_\_\_\_. Escritas do corpo feminino. In: SALGADO, M. T. et al. (org). *Escritas do corpo feminino*. Perspectivas, Debates, Testemunhos. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018b.
- SIMMEL, G. *Filosofia da Moda e outros escritos*. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

## Cape Verde in the female: the short fiction of Dina Salústio

**Abstract:** The purpose of this article is to develop an analysis of the short story *Sapatos de Verniz*, by Cape Verdean writer Dina Salústio. The short story chosen here is part of the collection *Children of God* (2018). The short fiction by Dina Salústio gives visibility to the situations of existential conflict of Cape Verdean women through the affectionate relations with the nation, with the insularities and with the transits of nationalities. To support the analyzes, we will anchor in the critical positions of Vera Duarte (2005) and Dina Salústio on Cape Verdean writing by Chimamanda Adchie (2015) on feminism, by Judith Butler (2003) on gender problematization, by Michel Foucault (1979) on genealogy and history, Silvana Vilodre Goellner (2015) on representation of the body, Clenora Hudson-Weems (2020) on African womanism and Oyeronké Oyewumi (2021) on gender colonization. The story under analysis leads us to the conclusion that the patent shoes represent the tightening in human conscience to the point of questioning the affections so tainted by the colonization of class and gender, with love being the only possibility of humanization.

**Keywords:** Cape Verde in the female. Short fiction by female author. Dina Salústio.

**Recebido em:** 20 de maio de 2021.

**Aceito em:** 20 de julho de 2021.